



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE MIRACEMA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA**

KADJA LUANNA PEREIRA FERNANDES

**A DIMENSÃO AFETIVA NO TRABALHO PEDAGÓGICO:
A RELAÇÃO PROFESSOR ALUNO**

MIRACEMA DO TOCANTINS, TO

2023

Kadja Luanna Pereira Fernandes

**A Dimensão Afetiva no Trabalho Pedagógico:
A Relação Professor-Aluno**

Artigo apresentado à Universidade Federal do Tocantins (UFT), Campus Universitário de Miracema para obtenção do título de licenciado em Pedagogia.

Orientador (a): Profa. Dra. Layanna Giordana Bernardo Lima.

Miracema do Tocantins, TO

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- F363d Fernandes, Kádja Luanna Pereira.
A Dimensão Afetiva no Trabalho Pedagógico: A Relação Professor Aluno. / Kádja Luanna Pereira Fernandes. – Miracema, TO, 2023.
35 f.
- Artigo de Graduação - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Miracema - Curso de Pedagogia, 2023.
Orientadora : Layanna Giordana Bemardo Lima
1. Afetividade. 2. Relação Professor Aluno. 3. Vínculo. 4. Wallon. I. Título
- CDD 370**

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizada desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

KADJA LUANNA PEREIRA FERNANDES

A DIMENSÃO AFETIVA NO TRABALHO PEDAGÓGICO:
A RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Artigo apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Campus Universitário de Miracema, Curso de Pedagogia foi avaliado para a obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia e aprovada (o) em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 13 /07/2023

Banca Examinadora



Profa. Dra. Layanna Giordana Bernardo Lima, Orientadora – UFT



Prof. Dr. Antonio Miranda de Oliveira, Examinador – UFT



Profa. Me. Fátima Maria de Lima, Examinadora – UFT

AGRADECIMENTOS

Eu agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças para nunca desistir do meu propósito. Acredito que nada é por acaso, e cada obstáculo que passei foi para que eu nunca desistisse do meu caminho na área educacional. Mesmo que alguns percalços tenham surgido no meio desses caminhos, acredito que tudo tem seu tempo determinado por Deus para que possamos chegar ao nosso verdadeiro destino. E acredito ainda, que se eu não tivesse passado por todos esses contratempos, hoje eu não chegaria tão motivada e talvez tivesse desistido no meio do caminho. Então, eu tenho uma enorme gratidão a Deus, por encaminhar obstáculos, mas também encaminhar motivos para eu vencer esses obstáculos.

Eu agradeço aos servidores da Universidade Federal do Tocantins que me motivaram e que também se tornaram amigos durante essa caminhada, desde os docentes, os técnicos e servidores terceirizados que fazem dessa universidade um lugar acolhedor.

Eu agradeço em especial aos meus colegas da turma de 2014, aqui não citarei nomes, para não ser injusta com ninguém, mas todos, sem exceção foram guerreiros, muitos pais e mães de família, que trabalhavam durante o dia e estudavam a noite e que lutaram para concluir sua graduação. Estes, para mim, são fontes de inspiração.

E por fim, agradeço a minha família e aos meus amigos mais próximos por sempre acreditar em mim e não desistirem de mim, mesmo quando eu estive quase desistindo, sempre me incentivaram a continuar.

RESUMO

Este é um estudo teórico onde aborda a questão da afetividade na relação professor-aluno. Como problema de pesquisa, temos a hipótese de que a relação professor-aluno estimula o aluno a aprender de uma maneira mais significativa. Justifica-se a importância deste tema, por defender a afetividade como mecanismo facilitador no processo de ensino aprendizagem, buscando como base bibliográfica principal Wallon, Piaget, Vygotsky e Paulo Freire, além de outros autores que contribuíram com este tema. Propõe-se refletir acerca da dimensão afetiva no âmbito pedagógico a partir das vivências durante o estágio na educação infantil e anos iniciais.

Palavras-chaves: Afetividade. Relação professor-aluno. Wallon.

ABSTRACT

This is a theoretical study that addresses the issue of affectivity in the teacher-student relationship. As a research problem, we have the hypothesis that the teacher-student relationship stimulates the student to learn in a more meaningful way. The importance of this theme is justified because it defends affectivity as a facilitating mechanism in the teaching-learning process. The main bibliographical basis is Wallon, Piaget, Vygotsky, and Paulo Freire, as well as other authors who have contributed to this theme. It proposes to reflect on the affective dimension in the pedagogical field from the experiences during the internship in early childhood education and initial series.

Keywords: Affectivity. Teacher-student relationship. Wallon.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
UFT	Universidade Federal do Tocantins

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	08
1.1	Motivações Pessoais.....	08
1.2	Motivações Acadêmicas.....	10
2	PERCURSO METODOLÓGICO.....	12
2.1	Justificativa.....	12
2.2	Objetivos.....	13
2.2.1	Objetivo Geral.....	13
2.2.2	Objetivos Específicos.....	13
2.3	METODOLOGIA.....	13
3	REFERENCIAL TEÓRICO	16
3.1	CONCEITO DE AFETIVIDADE.....	16
3.2	Afetividade na Concepção Walloniana.....	19
3.3	Afetividade no Âmbito Escolar.....	21
4	AFETIVIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS.....	23
5	VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA CRECHE, PRÉ-ESCOLA E ENSINO FUNDAMENTAL SÉRIES INICIAS.....	26
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
	REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

1.1 Motivações Pessoais

Apresento¹ inicialmente um memorial de minha história estudantil haja vista que a temática proposta está correlacionada com minha vida estudantil.

Eu me chamo Kádja Luanna Pereira Fernandes, nasci no dia 28 de setembro de 1994 em Rio Sono, cidade do interior do Tocantins às margens de dois importantes rios da bacia hidrográfica do Tocantins, que são o Rio Perdida e o Rio Sono, no hospital municipal de rio sono. Sou filha de Maria Gorete Pereira de Sousa e Antônio Fernandes Lustosa.

A vida estudantil começou ainda em casa através de um tio que era professor e me presenteou com uma cartilha do abc, o mesmo tirava um pouco de seu tempo para me orientar nas produções textuais. Aos 06 (seis) anos de idade eu já sabia ler e escrever com muita facilidade. A inserção em uma instituição de ensino se deu aos 07 (sete) anos de idade no ano de 2001 na Escola Municipal Luís de Camões em Guaraí-TO, escola esta que eu estudava pela manhã e voltava para casa logo após o almoço.

Passado esse ano de pré – escola nos mudamos da cidade de Guaraí para a então Miracema do Tocantins no ano de 2002. Iniciei o que chamávamos naquela época de 1ª série, na turma da professora Adriana que era muito querida por todos os alunos e que de forma bem receptiva me acolheu na Escola Municipal Francisco Martins Nolêto. Já no primeiro ano naquela escola comecei a me destacar pelo bom comportamento, já que naquela época já se avaliava o aluno para que o mesmo fosse premiado com alguns presentes ao longo do ano. Consequentemente fui premiada no primeiro ano com um passeio às cachoeiras de Taquaruçu. Nesse dia foi premiado alguns alunos de todas as turmas pelo bom comportamento e pelas redações que foram premiadas as melhores – me lembro como se fosse ontem, as boas risadas e brincadeiras daquele lindo dia – a turma estava bastante animada e apta aos novos aprendizados, também tínhamos educação ambiental nesses momentos de lazer. No mesmo ano, fui premiada com materiais escolares por uma redação que havia feito sobre a escravidão.

Da primeira série ainda me recordo muito saudosa da primeira apresentação artística, foi uma música de Toquinho, “o caderno”. Juntamente aos colegas de turma fizemos a encenação da canção, onde cada aluno era um objeto ou uma parte da natureza citada na

¹ Utilizaremos a primeira pessoa do singular para discorrer sobre a trajetória estudantil. Em outras partes do texto, empregaremos predominantemente a primeira pessoa do plural.

música, e no final dela eu entrava com um enorme caderno nas mãos, foi uma apresentação muito emocionante, estava tudo muito bem organizado e muito bem ensaiado, foi lindo.

Nas séries seguintes, na mesma escola por mais três anos, da 1ª a 4ª série (hoje chamado de 1º ao 5º ano). Na etapa do ensino fundamental também passei por diversas situações onde a relação com os professores foram fundamentais para a continuidade do meu desenvolvimento escolar. No ensino médio que foi concluído no ano de 2012, iniciei no movimento estudantil, onde tive a oportunidade de estabelecer várias parcerias de projetos com alguns professores.

Nessa época de atuação no movimento estudantil comecei a trabalhar alguns projetos artísticos dentro e fora da escola, foi quando passei a ter contato direto com uma professora, pois apesar do português ela era a professora de artes também. A partir disso começamos a trabalhar juntas e ver o que uma podia ajudar a outra, digo que ela foi peça fundamental em minha vida pessoal e estudantil e também influenciou na escolha do curso de pedagogia.

Mas o movimento estudantil continuou influenciando na minha vida, além dos projetos com a referida professora, onde acabei conhecendo dois outros professores. Professores estes que viriam ministrar aulas para mim na pedagogia. Professores estes que conheci em uma manifestação organizada pelo movimento estudantil secundarista. E, a partir deles que entendi um pouco essa relação da importância que o professor tem enquanto ajudar no processo do ensino-aprendizagem.

Hoje meu pensamento se difere muito do que eu imaginei que seria a pedagogia, do que seria um professor. Hoje já vejo a importância do papel do professor no que diz respeito a ajudar no processo de que o aluno construa sua autonomia tendo qualidades críticas e desenvolvendo sua criatividade.

A escolha do presente tema para o desenvolvimento deste trabalho foi algo decidido levando em conta a identificação com o tema acerca do afeto, a partir das vivências citadas acima nos primeiros anos das series iniciais, pois destaco que a influência dos professores foi fundamental para que eu passasse por todo processo de forma proveitosa.

Destaco ainda as experiências obtidas durante todo o processo de estágio, vendo a necessidade de compreender mais a fundo acerca do tema por entender que a afetividade tem uma parcela de contribuição muito significativa no processo de aprendizagem.

Na disciplina de “projeto de estágio”, tive a oportunidade de fazer observação em uma escola do município em uma turma de 3º ano. A maioria dos alunos tinha grande dificuldade de produzir algo, pois os mesmos não sabiam ler, a grande maioria apenas copiava o que o docente coloca no quadro, muitos deles não sabiam escrever o próprio nome. A depender do

regente que estava em sala, eles ainda tinham interesse de entender o conteúdo e se esforçavam para aprender algo e ficar mais atentos.

No ano seguinte, com a disciplina de estágio nas series iniciais, tive a oportunidade de estar na mesma escola com os alunos do 4º ano. Coincidentemente, dois dos alunos que estavam no 3º ano estavam nessa mesma turma de 4º ano, um deles ainda não sabia ler.

Devido a isto, começou uma indagação: de que forma o professor pode estimular os alunos; levando em consideração o afeto, qual a importância na relação professor-aluno que pode despertar o interesse do aluno em sala de aula?

1.2 Motivações acadêmicas

Com este trabalho procuro analisar o conceito de afetividade no âmbito escolar e compreender a importância da relação professor – aluno, bem como esta questão é entendida pelos professores. Proponho entender a construção da aprendizagem na perspectiva da afetividade e como ela estimula no processo de conhecimento da criança.

Este trabalho trata da afetividade na educação, buscando refletir acerca da dimensão afetiva no trabalho pedagógico, analisando como o vínculo afetivo na relação professor-aluno estimula a construção da aprendizagem das crianças, onde se deve atentar que é necessário reconhecer o aluno como sujeito autônomo em busca de sua identidade.

Dentre os diversos autores que trataram da afetividade, Henri Wallon foi pioneiro em considerar as emoções da criança como parte do processo educativo, onde as emoções têm papel fundamental na formação da pessoa, pois é por meio dela que a criança expressa seus desejos e suas vontades. Wallon, (2007) considera que, a emoção compete o papel de unir os indivíduos entre si por suas reações mais orgânicas e mais íntimas, e essa sua confusão deve ter por consequência posterior as oposições e os desdobramentos dos quais poderão gradualmente surgir às estruturas da consciência. Sua posição frente a importância da afetividade no desenvolvimento da criança é bem definida, uma vez que ela desempenha um papel bastante relevante na construção do sujeito, facilitando o processo de ensino e aprendizagem.

Além de Wallon, Jean Piaget e Lev Vygotsky foram dois grandes autores que contribuíram de forma significativa para os estudos sobre a afetividade. Embora a temática da afetividade não tenha sido o foco principal de Piaget, o autor considera que para compreender a afetividade é necessário primeiramente analisar as concepções acerca do juízo moral, não se limitando às emoções e aos sentimentos. Já Lev Vygotsky aborda a questão afetiva como uma perspectiva histórico-cultural das emoções, onde o ser humano aprende, por meio de sua cultura e da interação com os demais seres humanos.

Do ponto de vista metodológico a temática apresentada nos leva a refletir acerca da dimensão afetiva no âmbito escolar e qual sua importância para o processo de ensino e aprendizagem. Contudo, é necessário indagar: Como a afetividade na relação professor-aluno estimula a aprendizagem infantil?

Compreende-se que a prática pedagógica não é uma tarefa fácil, a pedagogia necessita de saberes necessários para a educação considerando que as emoções são parte fundamental no processo de ensino aprendizagem. Para isto, deve-se levar em consideração que a afetividade na relação professor-aluno, estimula o aluno a aprender de uma forma mais significativa.

Tendo em vista que ao se tratar da afetividade, podemos trazer um significado muito abrangente, vale ressaltar que as contribuições no presente trabalho não almejam dimensionar todos os fatores da afetividade. Contudo, visa apontar as principais características do afeto no âmbito escolar, bem como suas contribuições no caráter formativo do aluno em sua relação com o professor e como o afeto estimula a aprendizagem. Baseada em uma pesquisa onde se traz diversos autores, o estudo é complementado com documentos do relatório de estágio, a partir de observações durante o processo de estágio, onde se analisou a prática docente e o comportamento dos alunos.

2 PERCURSO METODOLÓGICO

2.1 Justificativa

Justificamos a importância desta investigação por promover o desenvolvimento das reflexões sobre o tema. Sua escolha foi algo decidido levando em conta a identificação acerca do afeto, assim como as experiências obtidas durante todo o processo de estágio, vendo a necessidade de compreender mais a fundo acerca do tema por entender que a afetividade tem uma parcela de contribuição muito significativa no processo de aprendizagem.

Nessa época de movimento comecei a trabalhar alguns projetos artísticos dentro e fora da escola, foi quando passei a ter contato direto com uma professora, pois apesar do português ela era a professora de Artes também. A partir disso começamos a trabalhar juntas e ver o que uma podia ajudar a outra, digo que ela foi peça fundamental para que hoje eu pudesse ser uma pessoa melhor, hoje ela é a minha melhor amiga e confidente e que me influenciou a descobrir na pedagogia o que eu podia fazer para ajudar os outros tanto como projetos quanto na questão do ensino-aprendizagem e também a aprender olhar para os outros e enxergar além do que as pessoas são, aprendi com ela muitas coisas principalmente nas artes com o teatro e da mandala principalmente.

Mas o movimento estudantil continuou influenciando na minha vida, além dos projetos com a referida professora, onde acabei conhecendo dois outros professores. Professores estes que viriam ministrar aulas para mim na pedagogia. Professores estes que conheci em uma manifestação organizada pelo movimento estudantil secundarista. Foi neles que eu pensei: Por que não cursar pedagogia na UFT?!

Eles não sabem, mas foi a partir deles que entendi um pouco essa relação da importância que o professor tem enquanto ajudar no processo do ensino-aprendizagem.

Hoje meu pensamento se difere muito do que eu imaginei que seria a pedagogia, do que seria um professor. Hoje já vejo a importância do papel do professor no que diz respeito a ajudar no processo de que o aluno construa sua autonomia tendo qualidades críticas e desenvolvendo sua criatividade.

Na disciplina de “Projeto de Estágio”, tive a oportunidade de fazer observação em uma escola do município em uma turma de 3º ano. A maioria dos alunos tinha grande dificuldade de produzir algo, pois os mesmos não sabiam ler, a grande maioria apenas copiava o que o docente coloca no quadro, muitos deles não sabiam escrever o próprio nome. A depender do

regente que estava em sala, eles ainda tinham interesse de entender o conteúdo e se esforçavam para aprender algo e ficar mais atentos.

No ano seguinte, com a disciplina de estágio nas series iniciais, tive a oportunidade de estar na mesma escola com os alunos do 4º ano. Coincidentemente, dois dos alunos que estavam no 3º ano estavam nessa mesma turma de 4º ano, um deles ainda não sabia ler.

Devido a isto, começou uma indagação: De que forma o professor pode estimular os alunos; Levando em consideração o afeto, qual a importância na relação professor-aluno que pode despertar o interesse do aluno em sala de aula?

Com este trabalho procuro analisar o conceito de afetividade no âmbito escolar e compreender a importância da relação professor – aluno, bem como esta questão é entendida pelos professores. Proponho entender a construção da aprendizagem na perspectiva da afetividade e como ela estimula no processo de conhecimento da criança.

2.2 Objetivos

2.2.1 Objetivo Geral

- Refletir acerca da dimensão afetiva na educação analisando como o vínculo afetivo na relação professor-aluno estimula a construção da aprendizagem das crianças.

2.2.2 Objetivos Específicos

- Compreender o conceito de afetividade no âmbito escolar;
- Analisar as práticas docentes que caracterizam uma relação afetiva a partir das vivências do estágio;
- Identificar como é tratada a afetividade nos documentos que norteiam a educação básica;

2.3 Metodologia

O presente projeto parte do ponto de vista metodológico de caráter qualitativo, realizado por meio de um levantamento bibliográfico e documental. A pesquisa bibliográfica

caracteriza-se pela utilização de dados da bibliografia como fonte, onde a leitura é o principal instrumento de pesquisa, exigindo a leitura de diferentes textos, bem como de diferentes autores, para gerar uma discussão sobre o tema proposto. A pesquisa qualitativa segundo Minayo (2004):

(...) se preocupa em dar respostas a questões particulares, com um nível de realidade que não se pode quantificar. Portanto, a realidade é o próprio dinamismo da vida individual e coletiva com toda a riqueza de significados dela transbordante. (MINAYO 2004, p. 27)

O tipo de pesquisa escolhido levou em consideração que o objeto de pesquisa já estão todos elaborados e o material para análise contempla o objetivo do estudo, onde a pesquisa bibliográfica buscou textos publicados pelos autores que discutem a temática e a pesquisa documental serviu para analisar os documentos oficiais que baseiam a educação brasileira. Trabalhadas de forma conjunta, permitiu um olhar mais crítico à pesquisa, tem em vista um debate de ideias entre os diversos autores que discutem o tema acerca da afetividade.

No que se refere à pesquisa bibliográfica Fonseca (2002) a caracteriza:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA, 2002, p. 32).

Segundo Andrade:

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. Portanto, se é verdade que nem todos os alunos realizarão pesquisas de laboratório ou de campo, não é menos verdadeiro que todos, sem exceção, para elaborar os diversos trabalhos solicitados, deverão empreender pesquisas bibliográficas (ANDRADE, 2010, p. 25).

Quanto aos documentos oficiais que regem a educação brasileira, destacam-se a LDB/1996 (BRASIL, 1996), a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), e as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (2009). Fonseca (2002) diz que:

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Segundo Lüdke e André (1986):

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentam afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 39)

Sendo assim, este será nosso método utilizado para organização deste trabalho.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Conceito de Afetividade

Nesta seção será abordado o conceito de afetividade partindo de como ele é tratado em alguns autores. Segundo Dicionário Aurélio a afetividade traz o seguinte significado:

s.f.1. Qualidade ou caráter de afetivo. 2. Psic. Conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de agrado ou desagrado, de alegrias ou tristezas. (AURÉLIO, 2004, p.61).

Sendo a afetividade, tratada por muitos autores como um conjunto de emoções e sentimentos, onde a tendência ou capacidade individual é a de reagir facilmente aos sentimentos e emoções de simpatia, amizade, amor, afeição e outros. É possível ainda definir que o afeto se dá através do respeito, da atenção e do acolhimento ao outro. Yves de La Taille nos traz que:

Quando se trata de analisar o domínio dos afetos, nada parece haver de muito misterioso: a afetividade é comumente interpretada como uma "energia", portanto como algo que impulsiona as ações. Vale dizer que existe algum interesse, algum móvel que motiva a ação. O desenvolvimento da inteligência permite, sem dúvida, que a motivação possa ser despertada por um número cada vez maior de objetos ou situações. Todavia, ao longo desse desenvolvimento, o princípio básico permanece o mesmo: a afetividade é a mola propulsora das ações, e a Razão está a seu serviço. (TAILLE, 1992, p. 65)

O afeto é a primeira forma de interação com o meio, o que o torna um elemento mediador das relações sociais desde as primeiras experiências do bebê humano com o mundo que o cerca, seguindo toda sua vida. Sendo assim, o termo afetividade se refere a capacidade do ser humano em ser afetado positivamente ou negativamente por sensações a sua volta, tanto por sensações internas: emoção, valores, motivação, percepção do ambiente e outros, quanto sensações externas: ambiente, fatores sociais e etc. Para Wallon (1989):

A afetividade, com esse sentido abrangente, está sempre relacionada aos estados de bem-estar e mal-estar do indivíduo. A afetividade se desenvolve, podendo ser identificada, em duas etapas, sendo a primeira de base mais orgânica, e a outra de base mais social. Quando os motivos que provocam os estados de bem-estar e mal-estar, já não são limitados às sensibilidades íntero, próprio e êxtero, mas já envolvem a chamada sensibilidade ao outro, a afetividade passa para um outro patamar, já que de base fortemente social. Assim a afetividade evolui para uma ordem moral e seus motivos são originados das relações indivíduo-outrem, sejam relações pessoais ou sociais (WALLON, 1989, p. 53).

O afeto, nesse sentido amplo, está sempre relacionado com o estado de felicidade e infelicidade de um indivíduo. O afeto se desenvolve e pode ser identificado em duas fases, sendo a primeira mais orgânica e a outra mais social. Quando as motivações que provocam estados de felicidade e desconforto já não se limitam às sensibilidades internas e externas, mas já estão envolvidas na chamada sensibilidade para com os outros, as emoções se deslocam para outro patamar, pois são fortemente embasadas socialmente. Assim, o sentimento se desenvolve em uma ordem moral, e seus motivos são derivados das relações entre os indivíduos e os outros, sejam pessoais ou sociais.

Jean Piaget nos traz a teoria da epistemologia genética, defendendo que o indivíduo passa por várias etapas de desenvolvimento ao longo da vida, onde o desenvolvimento cognitivo e afetivo se dá em estágios sequenciais, sendo a aprendizagem condicionada ao estágio cognitivo e afetivo e seus estágios. Segundo essa teoria, o conhecimento se desenvolve quando as crianças fazem assimilações e acomodações das experiências. Para Piaget (1983):

Os sentimentos e as operações intelectuais não constituem duas realidades separadas e sim dois aspectos complementares de toda a realidade psíquica, pois o pensamento é sempre acompanhado de uma tonalidade e significado afetivo, portanto, a afetividade e a cognição são indissociáveis na sua origem e evolução, constituindo os dois aspectos complementares de qualquer conduta humana, já que em toda atividade há um aspecto afetivo e um aspecto cognitivo ou inteligente. (PIAGET, 1983, p. 234)

Piaget acreditava que o conhecimento é construído pela criança em sua interação com o meio. Para o autor, o equilíbrio faz parte do desenvolvimento cognitivo. O critério seguido é a qualidade da troca intelectual entre os indivíduos e o ótimo grau de socialização só acontece quando essa troca atinge o equilíbrio. Para que o equilíbrio seja tolerado, são necessários interlocutores que possam cumprir esta regra numa relação social e isso só acontece quando os sujeitos se encontram no mesmo nível de desenvolvimento. Embora Piaget seja mais conhecido por suas teorias da cognição, ele também fez importantes observações sobre a importância da afetividade no desenvolvimento infantil.

Para Piaget, a afetividade desempenha um papel fundamental no desenvolvimento cognitivo. Ele acreditava que as emoções e os sentimentos estão envolvidos no processo de aprendizagem e que a afetividade é um componente essencial do desenvolvimento cognitivo.

Piaget argumentava que a afetividade é uma parte integral dos processos cognitivos, e que as emoções e os sentimentos podem influenciar a forma como uma criança percebe e

compreende o mundo ao seu redor. Ele enfatizava que a afetividade está envolvida na motivação para aprender, na formação de valores e na tomada de decisões.

Piaget também observou que as crianças experimentam emoções e sentimentos de maneira diferente dos adultos. Ele argumentava que as emoções infantis são mais intensas e menos controladas do que as emoções dos adultos. Para Piaget, isso reflete o fato de que as crianças ainda estão aprendendo a lidar com emoções e sentimentos complexos.

Jean Piaget acreditava que a afetividade é um componente fundamental do desenvolvimento cognitivo. Ele argumentava que as emoções e os sentimentos estão envolvidos no processo de aprendizagem e que a afetividade é um componente essencial do desenvolvimento cognitivo. Piaget também observou que as crianças experienciam emoções e sentimentos de forma diferente dos adultos e que a afetividade desempenha um papel importante na formação de valores e na tomada de decisões.

Lev Vygotsky, um dos principais teóricos da psicologia do desenvolvimento, enfatizava a importância da interação social e da linguagem no desenvolvimento humano. Em sua teoria, Vygotsky destacava a importância da afetividade nesse processo. Ele afirma que não se pode separar afetividade e cognição. Ele evidencia o pensamento com sua gênese na motivação, a qual inclui necessidade como emoção e afeto.

A emoção não é uma ferramenta menos importante que o pensamento. A preocupação do professor não deve se limitar ao fato de que seus alunos pensem profundamente e assimilem a geografia, mas também que a sintam. [...] as reações emocionais devem constituir o fundamento do processo educativo. (VYGOTSKY, 2003, p.121)

Ainda em Vygotsky (2003) há argumentação em relação:

As reações emocionais exercem uma influência essencial e absoluta em todas as formas de nosso comportamento e em todos os momentos do processo educativo. Se quisermos que os alunos recordam melhor ou exercitem mais seu pensamento, devemos fazer com que essas atividades sejam emocionalmente estimuladas. A experiência e a pesquisa têm demonstrado que um fato impregnado de emoção é recordado de forma mais sólida, firme e prolongada que um feito indiferente. (VYGOTSKY, 2003, p.121)

Para Vygotsky, a afetividade está relacionada à experiência emocional das pessoas e é um dos principais fatores que influenciam a aprendizagem e o desenvolvimento humano. Ele destacava que as emoções estão presentes em todas as atividades humanas, incluindo a aprendizagem, e que elas podem afetar a forma como as pessoas aprendem e se desenvolvem.

Vygotsky também enfatizava a importância do papel dos adultos na mediação da aprendizagem das crianças. Nesse sentido, ele acreditava que os adultos devem criar um

ambiente afetivo e acolhedor, no qual as crianças se sintam seguras para explorar e experimentar novas ideias e conceitos.

Para Paulo Freire, um dos principais educadores do século XX, a afetividade é fundamental para a aprendizagem e a construção do conhecimento. Freire acreditava que a educação não pode ser reduzida a uma mera transmissão de informações, mas deve envolver um processo de diálogo e troca entre professores e alunos. Para Freire (1996):

[...] Como professor [...] preciso estar aberto ao gosto de querer bem aos educandos e à prática educativa de que participo. Esta abertura ao querer bem não significa, na verdade, que, porque professor me obrigo a querer bem a todos os alunos de maneira igual. Significa, de fato, que a afetividade não me assusta que tenho de autenticamente selar o meu compromisso com os educandos, numa prática específica do ser humano. Na verdade, preciso descartar como falsa a separação radical entre “seriedade docente” e “afetividade”. Não é certo, sobretudo do ponto de vista democrático, que serei tão melhor professor quanto mais severo, mais frio, mais distante e “cinzento” me ponha nas minhas relações com os alunos, no trato dos objetos cognoscíveis que devo ensinar. (FREIRE, 1996, p. 159)

Nesse sentido, a afetividade é vista por Freire como um elemento fundamental para a construção de relações de confiança e respeito entre professores e alunos. Ele acreditava que o professor deve se conectar com os alunos de forma afetiva, valorizando suas experiências e emoções, e reconhecendo a importância de suas histórias e culturas.

Ensinar inexistente sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexistente validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz. (FREIRE, 1996, p.13)

Portanto, podemos refletir que para Freire (1996) é necessário que o processo de ensino aprendizagem haja dialética entre o professor e o aluno.

3.2 Afetividade na Concepção Walloniana

Piaget, Vygotsky e Wallon são os três maiores teóricos estudados no âmbito educacional e da psicologia. Juntos forma o tripé das teorias que auxiliam professores e pesquisadores a compreender a inteligência, o aprendizado e o desenvolvimento. Porém, dentre os diversos autores que trataram da psicologia da criança, Henri Wallon foi pioneiro

em considerar as emoções da criança como parte do processo educativo, onde as emoções têm papel fundamental na formação da pessoa, pois é por meio dela que a criança expressa seus desejos e suas vontades. Segundo Wallon, a afetividade é um dos principais componentes do desenvolvimento humano, juntamente com a cognição e a motricidade. Ele acreditava que a afetividade é a base da ação humana, e que as emoções e os sentimentos são fundamentais para a formação da personalidade.

Para Wallon, citado por Heloysa Dantas (1992) afirma que,

A emoção traz consigo a tendência para reduzir a eficácia do funcionamento cognitivo; neste sentido ela é regressiva. Mas a qualidade final do comportamento do qual ela está na origem dependerá da capacidade cortical para retomar o controle da situação. Se ele for bem-sucedido, soluções inteligentes serão mais facilmente encontradas, e neste caso a emoção, embora sem dúvida não desapareça completamente, se reduzirá. (DANTAS, 1992, p. 88).

Wallon, (2007) considera que, a emoção compete o papel de unir os indivíduos entre si por suas reações mais orgânicas e mais íntimas, e essa sua confusão deve ter por consequência posterior as oposições e os desdobramentos dos quais poderão gradualmente surgir às estruturas da consciência. É importante destacar que para Wallon, a emoção não é a mesma coisa que afeto, uma vez que a emoção é algo transitório e a afetividade algo permanente. Sua posição frente à importância da afetividade no desenvolvimento da criança é bem definida, uma vez que ela desempenha um papel bastante relevante na construção do sujeito, facilitando o processo de ensino e aprendizagem. Ele foi teórico humanista, médico e psicólogo francês, que se dedicou aos estudos voltados ao desenvolvimento infantil, abordando as dimensões cognitivas, afetivas e motoras, estudando a criança como um ser completo sendo constituído pelo meio sociocultural em que vive.

Henri Wallon pondera que a afetividade não é sinônimo de carinho, ou amor, e sim a capacidade do ser humano de ser afetado positivamente ou negativamente, tanto por sensações internas como externas. Muitos tratam da afetividade como gestos de abraços e beijos, mas para diversos autores o afeto deve ser tratado como uma forma mais abrangente, como nos traz Wallon (2010):

É possível pensar a afetividade como um processo amplo que envolve a pessoa em sua totalidade. Na constituição da estrutura da afetividade, contribuem de forma significativa as diferentes modalidades de descarga do tônus, as relações interpessoais e a afirmação de si mesmo, possibilitada pelas atividades de relação (WALLON, 2010, p.14).

Para Wallon, a afetividade é uma experiência que envolve tanto o sujeito quanto o objeto. Ele argumentava que a afetividade não é algo que está dentro do indivíduo, mas sim

uma relação entre o indivíduo e o mundo exterior. Isso significa que a afetividade é influenciada pelas relações que o indivíduo tem com outras pessoas, objetos e situações.

Wallon também enfatizava a importância da afetividade na educação infantil. Ele argumentava que as relações afetivas entre professores e alunos são cruciais para o desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Ele acreditava que a escola deve ser um ambiente acolhedor e afetivo, onde as emoções e os sentimentos são valorizados e respeitados.

Em resumo, para Henri Wallon, a afetividade é um componente fundamental do desenvolvimento humano, que envolve tanto o sujeito quanto o objeto e é influenciado pelas relações que o indivíduo tem com outras pessoas, objetos e situações. Ele enfatizava a importância da afetividade na formação da personalidade e na educação infantil.

3.3 Afetividade no Âmbito Escolar

A educação é um processo que se constitui em longo prazo e a função da escola passa por mudanças no decorrer da história no intuito de preparar o sujeito para a convivência em sociedade sendo uma das instituições que possui qualidades necessárias ao desempenho de melhores condições de desenvolver a igualdade social, visto que possui formação de caráter científico. Enquanto formadora de sujeitos para atuar em sociedade, a escola tem como função socializar o conhecimento, oportunizando ao educando condições necessárias tanto na sua formação intelectual quanto moral. Essa formação intelectual faz com que o sujeito desenvolva certo grau de senso crítico e quanto à sua formação moral, permite que os mesmos se diferenciem dos outros animais e adquiram condições de existência em diversos aspectos. Nunes (2009) reflete que:

O papel da afetividade na educação não deve ser o de mero coadjuvante, mas sim o de ocupar o centro do palco junto aos conteúdos e métodos pedagógicos que fazem parte do currículo escolar formal, que por si só já contribuem inestimavelmente para o crescimento de crianças e jovens. (NUNES, 2009, p.123).

A afetividade é um dos aspectos mais importantes para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças e dos adolescentes. No âmbito escolar, ela é fundamental para a construção de vínculos entre os alunos e entre eles e os professores. Afinal, é por meio do afeto que os estudantes se sentem acolhidos, seguros e motivados a aprender.

No entanto, nem sempre é fácil promover a afetividade na escola. Muitas vezes, a pressão do sistema educacional e a falta de tempo dos professores podem dificultar a criação

de um ambiente mais acolhedor e amoroso. Além disso, a violência e o bullying também podem afetar negativamente a relação entre os alunos e, conseqüentemente, a afetividade. Por isso, é importante que as escolas desenvolvam estratégias para fomentar a afetividade no seu ambiente. Uma das principais medidas é investir em um acolhimento mais caloroso e empático por parte dos professores. Eles precisam estar disponíveis para ouvir os alunos, compreender as suas angústias e ajudá-los a solucionar os seus problemas. Nunes (2009), afirma que:

É sabido que a pobreza afetiva prejudica o sujeito, principalmente o jovem que, até por conta da impulsividade própria da idade, tende a arriscar-se de forma temerária já que lhe faltam boas e construtivas referências. Ao contrário, se ele conta com referências positivas “e com orientação, ele desenvolve o poder de filtrar as informações que lhe chegam, a partir da tomada de consciência de como agem as pessoas de bom caráter” (NUNES, 2009 p.123).

Outra ação importante é valorizar e incentivar a afetividade entre os alunos. A escola deve ser um lugar onde as crianças possam construir relações positivas e duradouras, que contribuam para o seu desenvolvimento social e emocional. Para isso, é importante que os professores promovam atividades que estimulem o trabalho em equipe e a cooperação entre os estudantes.

Além disso, a escola pode desenvolver projetos que envolvam a comunidade local, valorizando a cultura e as tradições do lugar. Dessa forma, os alunos se sentirão mais conectados com o ambiente em que vivem o que pode contribuir para o seu sentimento de pertencimento e, conseqüentemente, para a sua afetividade.

Por fim, é importante destacar que a afetividade não é algo que se constrói apenas com ações pontuais. Ela é fruto de um processo contínuo, que exige um comprometimento constante de todos os envolvidos na educação. Por isso, é fundamental que os professores e a direção da escola estejam sempre atentos às necessidades dos alunos, buscando formas de promover um ambiente mais acolhedor e amoroso para todos.

4 AFETIVIDADE NOS DOCUMENTOS OFICIAIS

A afetividade é um dos aspectos fundamentais da formação integral do indivíduo. Na educação, a promoção da afetividade é essencial para o desenvolvimento emocional e cognitivo das crianças e jovens. Neste sentido, é possível encontrar diversas citações e referências nos documentos que regulamentam a educação no país. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) destaca a importância da afetividade no processo educacional, definindo-a como um princípio orientador da educação. No que diz respeito à afetividade, a LDB reconhece a sua importância no processo educacional e estabelece princípios para a sua promoção.

Assim, de acordo com o artigo 2º da Lei nº 9394/96, que trata das Diretrizes Básicas da Educação Nacional (LDB, 1996): A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualidade para o trabalho.

O Artigo 2º da LDB estabelece que a “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”. Essa afirmação reflete a importância de se criar um ambiente escolar acolhedor, que promova a confiança e o bem-estar dos alunos. A afetividade é definida como um dos pilares da educação, juntamente com a ética e a solidariedade.

Além disso, a LDB reconhece a importância da relação entre o professor e o aluno na promoção da afetividade. O Artigo 3º da LDB estabelece que os docentes devem “tratar os alunos com equidade, considerando sua diversidade étnico-racial, sem preconceitos de origem, etnia, gênero ou qualquer outra forma de discriminação”. Isso significa que os professores devem ser acolhedores e respeitosos em relação aos seus alunos, promovendo um ambiente de confiança e segurança, dando condições para o acesso e permanência na escola.

Outro aspecto importante destacado pela LDB é que de acordo com artigo 12 da Lei nº 9394/96, “os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão incumbência de: V – articular-se com as famílias e a comunidade, criando processos de integração da sociedade com a escola”.

Em resumo, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional reconhece a importância da afetividade no processo educacional, estabelecendo princípios e diretrizes para

a sua promoção. A afetividade é definida como um dos pilares da educação, juntamente com a ética e a solidariedade. A relação entre o professor e o aluno é fundamental na promoção da afetividade, assim como o desenvolvimento de habilidades socioemocionais por parte dos educadores.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento que estabelece as competências e habilidades que os alunos devem desenvolver em cada etapa da educação básica no Brasil. Em relação à afetividade, a BNCC reconhece a sua importância no processo educacional e estabelece princípios para a sua promoção. É possível encontrar diversas citações e referências que destacam a importância da afetividade na BNCC.

A BNCC desempenha papel fundamental, pois explicita as aprendizagens essenciais que todos os estudantes devem desenvolver e expressa, portanto, a igualdade educacional sobre a qual as singularidades devem ser consideradas e atendidas [...]os sistemas e redes de ensino e as instituições escolares devem se planejar com um claro foco na equidade, que pressupõe reconhecer que as necessidades dos estudantes são diferentes (BRASIL, 2017, p.15).

A BNCC estabelece que a educação deve contemplar a dimensão socioemocional dos alunos, promovendo habilidades que possam influenciar na sua formação integral. Entre essas habilidades, encontram-se a empatia, a cooperação, a resolução de conflitos, a responsabilidade e a liderança. A afetividade é vista como um aspecto fundamental para o desenvolvimento dessas habilidades, permitindo aos alunos compreenderem suas emoções e as emoções dos outros.

Além disso, a BNCC destaca a importância da relação entre o professor e o aluno na promoção da afetividade. Para isto, é necessário que a equipe escolar e os agentes envolvidos na construção do currículo tenham um olhar atento na construção individual, contemplando a BNCC.

BNCC e currículos têm papéis complementares para assegurar as aprendizagens essenciais definidas para cada etapa da Educação Básica, uma vez que tais aprendizagens só se materializam mediante o conjunto de decisões que caracterizam o currículo em ação. São essas decisões que vão adequar as proposições da BNCC à realidade local, considerando a autonomia dos sistemas ou das redes de ensino e das instituições escolares, como também o contexto e as características dos alunos (BRASIL, 2017, p.16).

Segundo a BNCC, é necessário que “o professor estabeleça relações de confiança e acolhimento com os alunos, possibilitando o desenvolvimento socioemocional”. Isso significa que a afetividade é fundamental para o estabelecimento de um ambiente escolar acolhedor e seguro, permitindo aos alunos se expressarem livremente e se sentirem valorizados.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) destacam que a educação deve levar em conta o desenvolvimento integral dos estudantes, incluindo aspectos cognitivos, físicos, emocionais e sociais.

A Educação Infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança até 5 (cinco) anos de idade, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. (BRASIL, 1999, p.18)

Quando se trata de afetividade as DCNEI nos informam papel importante para as instituições educativas, pois:

[...] as instituições devem proporcionar às crianças oportunidades para ampliarem as possibilidades de aprendizado e de compreensão de mundo e de si próprio trazidas por diferentes tradições culturais e a construir atitudes de respeito e solidariedade, fortalecendo a autoestima e os vínculos afetivos de todas as crianças. (BRASIL, 2009, p.12)

Os documentos oficiais da educação no Brasil destacam a importância da afetividade no processo educacional, enfatizando a necessidade de se criar um ambiente escolar acolhedor e afetivo. Para garantir a promoção da afetividade na educação, é fundamental que os educadores sejam capacitados para atuar de forma acolhedora e afetiva em relação aos seus alunos. É neste sentido que a seguir apresenta-se algumas vivências oriundas de nossas atividades realizadas no Estágio Supervisionado.

5 VIVÊNCIAS DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA CRECHE, PRÉ-ESCOLA E ENSINO FUNDAMENTAL (ANOS INICIAS)

As ações aqui elencadas são baseadas nas observações e vivências colhidas nos trabalhos realizados através da disciplina de Estágio da Educação Infantil, na Creche e Pré-Escola, onde foram observados vários aspectos que envolvem o mundo da escola, tendo como referências principais os aspectos do espaço físico, sua rotina diária, e todas as atividades pedagógicas presentes no desenvolvimento das rotinas.

Ao iniciarmos os trabalhos, de imediato percebemos que a rotina é o balizador do conjunto de elementos/atividades que determinam as ações cotidianamente das duas instituições visitadas. A partir daqui, procuramos compreender a dinâmica de cada uma delas, portanto compreender suas especificidades com foco no processo de ensino aprendizagem através da relação professor-aluno.

Buscando-se saber a significação da palavra “creche”, nas observações realizadas subentende-se que significa estabelecimento que se encarrega de cuidar de crianças até dois anos “ou asilo diurno” em que as mães trabalhadoras podem deixar seus filhos pequenos. De acordo com essa visão, muitas creches têm desenvolvido seu trabalho com a norma educativa em segundo plano. Isso indica que ainda precisamos avançar no tratamento de questões elementares em relação ao processo de formação das crianças no início de sua vida escolar.

Outro ponto que se observou na Creche foi que as crianças são munidas de pouco afeto, de pouco carinho, de pouca atenção e de condição socioeconômica vulnerável, segundo relato de regentes e também, essas são questões perceptíveis ao observar algumas crianças.

Na creche, nota-se que as crianças têm um grande apego às professoras que até um menino de outro maternal vai para a outra turma (troca de sala) porque gosta muito da professora. Professoras relatam que quando uma criança passa muitos dias sem ir à creche acaba causando estranhamento quando ela retorna e ainda que é muito importante o processo de socialização das crianças umas com as outras. Ela exemplifica que as crianças frequentes são as que choram mais e ficam muito quietas.

É no processo durante o banho, os alunos são organizados em fileiras que denotam uma forma organizacional no atendimento, e que mostra que todos devem esperar sua vez de tomar banho. Intrinsecamente temos a educação sistematizada que busca fixar no educando ações que denotam a construção do respeito, participação, obediência, e vivência em sociedade e isso é realizado através de condutas e alguns conceitos comportamentais ali inseridos durante o cotidiano da criança na creche.

Contudo no processo do cotidiano da creche, nem todos os educandos tem presença contínua, fato este que causa um mal-estar entre os envolvidos, reclamação por parte dos educadores e dificuldade de adaptação do educando atendido. Assim, os professores buscam a todo o momento a adaptação do aluno recebido.

Um dos comentários das professoras é de que as famílias que fracionam a presença de seus filhos na creche causam sem perceber a não adaptação do educando no ambiente educativo ali preparado e pensado para receber aquele aluno, causando prejuízo no desenvolvimento sócio educativo do aluno e a quebra da rotina sistematizada do mesmo.

Uma regente destaca que é importante o processo de socialização das crianças umas com as outras, mas para isso é necessário que as crianças sejam frequentes. Ela exemplifica que os menos frequentes são os que mais choram, mas também tem os que ficam quietos demais e que às vezes a criança precisa ser colocada no colo e assim por diante. Durante nossa observação um menino de outro maternal apareceu e disse que queria ficar naquela turma, pois gostava daquela professora. Foi observado que as professoras têm perfil diferente e que isso é importante criando necessidade de solidariedade entre elas, pois muitas vezes uma regente complementa o trabalho da outra, pois enquanto o forte de uma é contar histórias, o forte de outra é cantar músicas.

Em uma das observações na Pré-Escola a regente passou uma tarefa no quadro de 1 a 10 pra eles contarem, logo após ela cantou as músicas do índio e da Mariana. Nesta fase da formação a música ocupa espaço importante e a professora estava muito desanimada para cantar, tanto que as crianças não se divertiram e ficaram paradas olhando pra ela. Geralmente criança é alegre, espontânea. Naquele não notei isso nas atividades desenvolvidas.

Os alunos com uma faixa etária entre 6 a 7 anos formavam uma turma bem inquieta, conversavam bastante, não prestam atenção no que a professora falava. Desta forma entendi o porquê a regente está tão desestimulada, devido a sala ser pequena eles conversam bastante entre si e fica complicado a professora ter a atenção necessária dos alunos. A mesma poderia buscar atividades para atrair a atenção deles e com isso a participação melhorava e tinha uma aula mais dinâmica. Conforme destaca Nunes (2009):

A autoridade e postura firme do educador abrem caminho para os acordos e ajustes porque fazem com que o aluno perceba que o educador é quem conduz, orienta, media e auxilia a turma, mas não o faz em regime de opressão. Crianças sentem o que isso significa e, na grande maioria das vezes, respondem positivamente a esta dinâmica. O educador que assim atua irradia segurança à criança, estimulando nela a criatividade, o poder de expressão, de demonstração de sentimentos, e colocando os limites necessários para o desempenho de todos, fazendo isso sempre baseado no bom senso. (NUNES, 2009 p.85).

Os alunos só são obedientes com determinada professora. Observou-se que uma determinada professora quando uma saía mais cedo e ficou outra em seu lugar foi totalmente diferente, não teve barulho, as crianças comportadas, em silêncio, porque ela trabalha diferente com as crianças: é cantando fazendo pergunta, brincando, e é disso que as crianças gostam também. Observou-se, que dentro dos limites, a professora falava sério com eles por isso que se comportavam, pra ter seu comportamento tem que depender do professor na sala de aula, o professor não pode ser indiferente com as crianças, mas também não pode deixar fazer o que quer na sala de aula não, o professor como educador tem que ter sua responsabilidade na sala de aula com os alunos.

Freire (1996) apresenta, em sua obra, os saberes indispensáveis à prática docente de educadoras ou educadores, estes saberes demandados pela prática educativa são em si mesmos a exigência de uma prática educativa independentemente de sua cor, política ou ideologia, pensando a formação docente e a prática educativo-crítica, a partir da reflexão crítica sobre sua prática que se torna uma exigência da relação Teoria/Prática.

No processo de regência da Creche, produzimos de imediato um transpor ambiental, onde a *abertura de espírito... a procura espontânea por aquilo que é novo constitui a essência do espírito aberto.*” (LIMA, 2013 p. 230). Portanto, esses educandos foram inseridos em uma nova realidade, situação pedagogicamente pensada em busca preponderantemente, de um ensino de qualidade dialeticamente posto neste momento em prática.

De outro modo Lima (2013) diz que *ao se valorizar a pratica, não se pode esvaziá-la, caindo no praticismos, esquecendo-se que não se teoriza somente por teorizar, mas para entender melhor a prática, numa permanente conjunção dialética teoria-prática.*

Contudo, nossa meta de fato foi realizada, isso se prova a partir da demonstração clara nos rostos das crianças da experiência vivida naquele dia, dia este que revelou com clareza as possibilidades de um ensino de qualidade. No entanto é importante reafirmar que falta em nossas escolas recursos disponíveis para atuação em proporções mediáveis em prol da construção do conhecimento.

De fato, as possibilidades são inúmeras, diante da clareza dos resultados e isso nos motiva a fazer mais, nossa vivência nas regências tornaram-se alicerces para o desempenho de nossas futuras atividades como educadores, pois *“o conhecimento opera se efetivamente em luta constante com problemas reais, numa interação entre indivíduo e meio físico e social. O indivíduo constrói e reconstrói a sua experiência, em que presente, passado e futuro vinculam-se, aumentando a sua capacidade de ser o dirigente da própria experiência”.* (LIMA 2013, p. 231-232).

Para uma análise mais profunda sobre o desenvolvimento da criança é necessário entender o que é o processo interacionista, pelo qual a criança passa e qual sua importância para desenvolver-se bem. O interacionismo, segundo Jean Piaget, é a ideia de construtivismo sequencial e os fatores que interferem no desenvolvimento da criança. Sob a perspectiva dessa teoria, a criança é percebida como um ser dinâmico que, a todo o momento, interage com a realidade englobando objetos e pessoas.

Então, a partir destas experiências, conseguimos perceber que é exatamente isso que ocorre dentro das dependências da escola que, há interação, tanto com colegas na sala, quanto com os funcionários que ali trabalham. As crianças a todo instante se comunicam, se movimentam, e de fato precisam dessa interação para a construção de sua aprendizagem.

Notamos também que a forma como conduzimos os trabalhos, tanto na ação de falar, olhar, gesticular e orientar com as crianças foi fundamental. A esta ação e nesse momento, diferenciar-se foi para nós foi sinônimo de criatividade, da ludicidade, elementos que devem estar presentes nos trabalhos educativos, estes proporcionaram a atividade a capacidade de alcançar os educandos em sua totalidade.

Já na turma da Pré-Escola essa interação com o meio demorou um pouco mais, acreditamos que a faixa etária e o fato de estarem num ambiente diferente foram de início os bloqueadores da interação com o meio. De início, as crianças observaram o ambiente, fizeram uma reflexão sobre o meio e só depois se sentiram em condições de manusearem os materiais disponíveis e percorrer o espaço a sua disposição. Este fato, talvez se justifique também por causa dos tratamentos repressivos, possivelmente recebidos, que as crianças, por ventura sofreram em outros locais, seja dentro de casa ou até mesmo na escola. De fato, a questão de não poder utilizar os recursos ao seu redor, de forma livre, ainda mais quando se está em um ambiente diferente do que está habituado a viver, pode ser um elemento de bloqueio no processo de ensino aprendizagem dos educandos.

Outro elemento apresentado por Piaget está ligado diretamente com o estágio de desenvolvimento da criança, o pré-operacional. Este é caracterizado pelo “início da linguagem, da função simbólica e, assim, do pensamento ou representação” (p. 2). Numa proposta de atividade desenvolvida, mediada por brincadeiras, música, dança e narração de histórias, as crianças interagiram com o meio e a exploração do espaço, o que permitiu interação e desenvolvimento do intelecto das crianças.

O processo de Estágio dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental foi realizado em uma turma de 4º ano. Para tanto, as atividades foram desenvolvidas em um processo dividido em dois momentos, num primeiro momento tivemos as *observações*, nesta, buscamos analisar

qual contexto sociocultural dos educandos, não só, mas também, observamos como ocorre a rotina em sala de aula, como esses alunos se relacionam e como acontece a relação professor/aluno. Para tanto, também foi observado as questões comportamentais e quais são suas principais vertentes, dificuldades, facilidades e afins. Num segundo momento, vivenciamos a regência. Desenvolvemos trabalhos direcionados a buscar dados na escola e um planejamento da regência fundamentado nas teorias que norteiam os fundamentos e metodologias de cada disciplina pertencente à estrutura curricular do curso de pedagogia ao qual estamos em formação. Esta ação teve o propósito de articular as atividades a serem desenvolvidas na escola com a realidade em sala.

Assim, e a partir das experiências vivenciadas no Estágio dos Anos Iniciais, conseguimos perceber e buscamos de fato, uma interação com o ambiente e com os profissionais da Escola. As crianças a todo instante se comunicam, se movimentam, e de fato precisamos dessa interação para ajuda-los a construir sua aprendizagem.

Em nossos momentos de observação, tivemos a dimensão do quanto o interacionismo seria importante, para os trabalhos de regência, pois os educandos já nos viam como algo novo e bom, condição favorável que nos colocou numa posição mais tranquila para os trabalhos. Assim, planejamos aulas diferenciadas de tudo àquilo que era oferecido cotidianamente, proporcionando novas experiências e novos aprendizados foram somados. Optamos por deslocar as crianças de seu habitat cotidiano e mostrar-lhes um novo ambiente. Proporcionamos momento de interação, exploração e expansão do desenvolvimento dos educandos atendidos.

As observações foram feitas pautadas principalmente na criança, para podermos caracterizar e identificar com quais educandos teríamos que lidar. Assim, e munidas da observação, levamos para o planejamento as condições de afeto, de carinho, de atenção e sua condição socioeconômica, em que, na sua maioria beira a vulnerabilidade financeira e com certeza dentro da vulnerabilidade social, este último facilmente perceptível ao primeiro contato nas observações em sala de aula.

Considerando, a faixa etária dos educandos atendidos, os mesmos estão com idade entre 9 e 11 anos. Piaget estabelece que estes estão no estágio Operatório Concreto e que esta condição:

é o estágio da inteligência operacional concreta, e como dito anteriormente se refere aos primórdios da lógica, a criança faz uso da capacidade das operações reversíveis apenas em cima de objetos que ela possa manipular, de situações que ela possa vivenciar ou de lembrar a vivência, ainda não existe, por assim dizer, a abstração. Mas, estas operações, "enquanto transformações reversíveis modificam certas

variáveis e conservam outras a título de invariantes". Percebe-se com isso um salto de qualidade essencial, uma diferença de natureza do estágio anterior no desenvolvimento cognitivo e mais uma vez sem um começo absoluto pois "o que é novo decorre ou de diferenciações progressivas, ou de coordenações graduais, ou das duas coisas ao mesmo tempo". (PÁDUA, 2009, precisa indicar página da citação)

Basicamente, está numa zona de transição do concreto em direção ao abstrato, momento oportuno de aproximarmos as dimensões do real e do abstrato. Assim, os fatores não escolares, ou seja, o mundo da Escola, que compreende o indivíduo e a comunidade ao redor dela e outros afins, pode ser explorado, pois além de ser exterior ao indivíduo deve ser percebido por ele como algo que o coloca diretamente dentro de uma condição em que ele se perceba como indivíduo inserido em um ambiente maior que sua própria casa, portanto a possibilidade de identificar os primeiros preceitos de cidadania está facilmente ao alcance do educando, mediado pelo trabalho docente na escola.

O fator socioeconômico, a baixa renda, influenciam de fato no cotidiano das crianças ali atendidas, as famílias destes educandos, em sua maioria não possuem uma conduta que implica na produção de conhecimentos em conjunto com a Escola.

Por consequência, o abismo social é consequência natural dos elementos encontrados. A educação destinada às classes sociais favorecidas economicamente se diferenciam daquelas desfavorecidas, no entanto há uma base educacional comum entre elas até que se chegue a um determinado ponto de divergência. Em outras palavras: *Não há povo onde não exista um certo número de ideias, de sentimentos, de praticas que a educação inculca a todas as crianças indistintamente, seja qual for a categoria social a que pertence.* (LIMA E CUNHA, 2013 apud DURKHEIM, 2007, p.51).

Com efeito, o homem desde seu nascimento é inserido em sociedade e aprende a viver de acordo com as regras e normas morais estabelecidas por ela. A coerção social existente faz com que o ser humano desenvolva-se valorizando ou não o que possui de melhor em seu potencial o que, conseqüentemente, contribuirá gradativamente para o desenvolvimento da sociedade. Neste processo a educação possui uma função primordial, considerando o materialismo histórico dialético da humanidade, apresentar ao indivíduo os conhecimentos acumulados pela sociedade ao longo do tempo é de fato uma das perspectivas que a Escola deve assumir.

Portanto, torna-se evidente a responsabilidade atribuída à profissão docente, haja vista que é este trabalhador o responsável pelo desenvolvimento de habilidades, essa cobrança é feita cotidianamente nas escolas pelos pais dos alunos e pela sociedade em geral para que ocorra o crescimento individual e a evolução social. A união da família e da escola poderá

contribuir para o desenvolvimento pleno das crianças, quando as partes agirem coerentemente na condução do processo educativo, garantindo uma aprendizagem significativa.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi buscar reflexões acerca da dimensão afetiva, analisando como o vínculo afetivo na relação professor aluno contribui na aprendizagem das crianças.

Por meio da pesquisa constatou-se que a afetividade é imprescindível na sala de aula e na relação professor e aluno por propiciar melhor desenvolvimento cognitivo, afetivo, social.

A afetividade na relação professor-aluno é essencial para estimular a aprendizagem infantil. Quando os alunos se sentem amados e valorizados pelos professores, eles ficam mais abertos e motivados para aprender. Além disso, a relação afetiva cria um ambiente de confiança e respeito mútuo, que permite que os alunos se sintam seguros para fazer perguntas, expressar suas opiniões e arriscar-se em novos desafios.

A afetividade também influencia na forma como os alunos percebem a escola e as atividades escolares. Quando os alunos se sentem acolhidos e apoiados pelos professores, eles tendem a ter uma visão mais positiva da escola e das atividades escolares, o que pode aumentar o seu engajamento e interesse na aprendizagem.

Além disso, a afetividade pode ajudar na construção da autoestima e da autoconfiança dos alunos. Quando os professores valorizam os alunos pelo que eles são e reconhecem suas habilidades e esforços, eles podem contribuir para o desenvolvimento de uma imagem positiva de si mesmos, o que pode ter um impacto positivo na sua motivação e no seu desempenho escolar.

Em resumo, a afetividade na relação professor-aluno é um fator fundamental para estimular a aprendizagem infantil. Ela cria um ambiente de confiança e respeito mútuo, que permite que os alunos se sintam seguros para aprender e se desenvolver. Além disso, a afetividade pode influenciar na forma como os alunos percebem a escola e as atividades escolares, bem como contribuir para o seu desenvolvimento socioemocional.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. R. S. **A concepção walloniana de afetividade**. Uma análise a partir das teorias das emoções e do desenvolvimento. 1999, 167 fl. São Paulo: Tese (Doutorado em Educação: Psicologia da Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação: Psicologia da educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.
- ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico**: elaboração de trabalhos na graduação. São Paulo, SP: Atlas, 2010.
- AURELIO, Dicionário. **Afetividade**. Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/Afetividade>. Acesso em 05 de abril 2023.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília: Senado Federal, 1996.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2017.
- DANTAS, H. **A infância da razão**. São Paulo: Manole, 1992.a
- FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Ceará: Universidade Estadual do Ceará, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 – (Coleção Leitura).
- LA TAILLE, Yves. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão**, _____, Marta Kohl de Oliveira, Heloysa Dantas. São Paulo: Summus, 1992.
- LIMA E CUNHA, Lucas. Os clássicos da “literatura” sociológica infantil: as crianças e a infância de acordo com Marx, Weber, Durkheim e Mauss The Classics of Children’s “Literature” Sociological: the children and the childhood according to Marx, Weber, Durkheim and Mauss. **Plural**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.20.1, 2013, pp.83-98. Disponível em <<https://www.revistas.usp.br/plural/article/viewFile/74416/78040>>. Acesso em 20.05.2023.
- MINAYO, M. C. S. Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M. C. S.. (Org.) **Pesquisa Social: Teoria, Método, e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- NUNES, Vera. **O papel das emoções na Educação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.
- PÁDUA, Gelson Luiz Daldegan. A epistemologia genética de Jean Piaget. **Revista FACEVV** | 1º Semestre de 2009 | Número 2 | p. 22-35
<https://www.passeidireto.com/arquivo/17309083/a-epistemologia-genetica-de-jean-piaget---gelson-luiz-de-padua>. Acesso em 10.05.2023.
- PIAGET, J. **A epistemologia genética**: Sabedoria e ilusões da filosofia/ Problemas de psicologia genética. 2 ed. São Paulo: Abril, 1983.
- VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WALLON, Henri. A Criança e o Adulto. In: WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.